

TURISMO

ENFOQUES TEÓRICOS E PRÁTICOS

ABBTUR NACIONAL
Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo

Organizador: Miguel Bahl

ROCA

TURISMO

ENFOQUES TEÓRICOS E PRÁTICOS

Miguel Bahl

Organizador

Bacharel em Turismo e Licenciado em Geografia e em Estudos Sociais pela Universidade Federal do Paraná. Mestre e Doutor pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Chefe de Departamento e Docente do Curso de Turismo da Universidade Federal do Paraná. Consultor para Assuntos Técnico-científicos da Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo (Nacional). Membro da Comissão de Especialistas de Ensino de Turismo (2000-02) e membro do Comitê Assessor da Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação.

ROCA

Capítulo 6

Ensaio sobre a Viagem

SILVIO LIMA FIGUEIREDO

Resumo

O sentido da viagem é discutido no trabalho com o objetivo de interceder metodologicamente em pesquisas que necessitam de um esclarecimento maior sobre os conceitos de turismo e viagem. A discussão poderá contribuir para o entendimento do novo turista que surge no novo século, resgatando o viajante e mudando a concepção dos pacotes tradicionais que são comercializados hoje.

*"Outside another yellow moon
Punched a hole in the night time
I climb through the window and down the street
Shining like a new dime
The downtown trains are full
With all those Brooklyn girls
They try so hard to break out of their little worlds
Will I see you tonight
On a downtown train
Every night it's just the same
You leave me lonely, now"
"Downtown Train" (Tom Waits)*

1º TOUR: SOBRE O DESEJO DE VIAJAR, A RELAÇÃO ENTRE NATUREZA E CULTURA

Algumas teorias encontradas em textos sobre turismo levam a crer que o desejo de viajar, de conhecer novos lugares, é inerente ao homem a partir do momento em que adquiriu cultura, segundo as palavras de Geraldo Casteli¹¹, ou o que sugerem Feifer¹⁵ e Rouanet^{33*}. Tal concepção leva a crer que o homem talvez tenha em sua genética alguma informação sobre a viagem e que o desejo seja, na verdade, uma necessidade básica, quase fisiológica. Mas, se a ação da viagem e sua simbologia nada têm a ver com a natureza, o que nos faz pensar que viajar é uma necessidade e que, por isso, ocorre em todas as culturas humanas? Buscando Claude Levi-Strauss, em sua obra "As Estruturas Elementares do Parentesco", que aborda a discussão entre o que é natural e o que é cultural no homem, partindo da idéia de que a natureza é universal e a cultura, relativa, e que há um exemplo de universalidade da cultura: o incesto; poderíamos pensar que a viagem, ocorrendo em todas as culturas, também encarnaria a idéia de universal cultural. Clifford Geertz, em um texto denominado "O Impacto do Conceito de Cultura sobre o Conceito de Homem", também aborda a dificuldade em estabelecer um marco que demonstre onde termina a natureza e onde começa a cultura humana. Se entendermos a manifestação da viagem dentro dessa discussão, poderemos observar que os deslocamentos no espaço geográfico se dão das mais diversas formas; portanto, viajar, no sentido abordado no presente texto, jamais poderá ser compreendido como um instinto, algo natural, pois as razões dos deslocamentos diferem de acordo com a cultura dos povos. O turismo é a viagem do mundo moderno.

A viagem possui várias finalidades. Os deslocamentos migratórios, as guerras de conquista, aventuras são narradas como as primeiras manifestações de deslocamentos. O nômade**, encontrado em grupos e tribos, é adjetivo e categoria comum em deslocamentos na busca por melhores meios de subsistência.

A exploração e conhecimento de novas realidades invoca desafios, situação emblemática em sociedades formadoras do mundo ocidental

* Viajando, completaram um processo de hominização: o *homo viator* está na origem do *homo sapiens*. Viajar é um ato de liberdade.

** Os nômades não têm história, só geografia²⁹.

como os fenícios, sumérios, gregos, romanos e vikings. A Grécia Antiga, e mais tarde Roma, evocam as viagens mais representativas das grandes aventuras heróicas, narrativas encontradas em "Ilíada" e "Odisséia", de Homero. As narrativas épicas são, na verdade, a forma com que aparece o imaginário sobre as buscas por conhecimentos e desafios, tanto na literatura quanto na mitologia greco-romana. A aventura, com significado de risco, de arriscar, vem acoplada ao deslocamento, à viagem, às explorações. Hoje se afirma como gênero literário ou até gênero cinematográfico. A Epopéia é o poema narrativo que traz os grandes heróis, suas ações (combates, resgates, desafios, exploração), com um personagem central.

São narradas dessa forma as aventuras de Ulisses, que personifica o herói, e talvez seja seu mito fundador em "Odisséia"; Agamenon, Aquiles, e novamente Ulisses em "Ilíada"; Jasão e Orfeu, na busca pelo Velo de Ouro em "Os Argonautas" (epopéia em quatro cantos, composta por Apolônio de Rodes - séc. III a.C.); e Eneas, na "Eneida", de Virgílio. A "Odisséia" aparecerá como o mais famoso relato de aventuras, diferenciando-se, por exemplo, da "Ilíada", que narra principalmente as façanhas guerreiras.

Luís de Camões, nos versos de "Os Lusíadas", retoma a idéia da epopéia por meio de uma atualização da "Eneida" (Graziani, 1998), em que aparecem as dignificações dos descobridores de novas terras nos séculos XV, XVI, das grandes navegações de Portugal e Espanha. Aparece novamente o "conquistador". Outras grandes aventuras narradas tratam-se do mais puro do que existe em termos de aventuras e conquistas: "Os Cavaleiros da Távola Redonda"; "A Epopéia de Gilgamesh"* e "Beowulf".**

Paralelamente ao mito de Hércules e seus doze trabalhos, às aventuras de Ulisses, de Prometeu, a sociedade grega possui o privilégio de ter sido o berço de novas experiências de vida, na invenção dos jogos olímpicos que, como acontecimento esportivo, aglo-

* A Epopéia de Gilgamesh é interpretada como primeiro grande relato de aventuras, em que Gilgamesh, rei de Uruk, cidade suméria, enfrenta vários desafios na busca por respostas à sua existência. Com os primeiros relatos do dilúvio, o mito descoberto no século XIX é considerado inspiração para a Bíblia, a Odisséia e outros textos.

** Uma das obras que consegue condensar o conceito de aventura é o "O Senhor dos Anéis" de J.R.R. Tolkien, que apresenta todos os elementos de uma grande aventura épica: combate ao mal, guerras, batalhas, lutas, jogos, resgates, magia, jornadas e personagens que povoam o folclore universal como elfos, fadas, magos, bruxos, cavaleiros, anões.

meravam muitos gregos de várias cidades como Esparta, Atenas e Tebas. A viagem, sob o prisma do esporte, funcionava principalmente para os atletas e alguns espectadores. Hoje, como evento esportivo, os Jogos Olímpicos são, explicitamente, um evento da indústria do lazer/turismo, televisivo e principalmente turístico*.

Da mesma forma, a elite romana viajava bastante, com uma certa segurança¹⁵, durante alguns períodos do Império Romano e dentro do próprio império, como no uso das termas, locais para banhos que "atraíam"¹⁶ muitos viajantes. No entanto, foram as conquistas territoriais, principalmente a expansão do império, que contribuíram e exemplificaram a ampliação dos deslocamentos pela Europa, norte da África e outras regiões. Uma das formas de dinamizar os deslocamentos, fica atestado desde aí, são aspirações políticas e econômicas que vão estar no cerne da expansão ultra-marina da Europa nos séculos XV, XVI e XVII.

A aventura tem seu percentual de risco. Há graus de risco numa aventura: existem as aventuras mais arriscadas, mas também aquelas que podem ser realizadas por pessoas normais, que não sejam os grandes heróis. A viagem é temerosa mas dá frutos: o conhecimento e, melhor, a conquista.

2º TOUR: O MEDO E A DESCOBERTA DA VIAGEM

Porém, o deslocamento não representa apenas a excitação pelo risco, a alegria da aventura, da descoberta, o conhecimento. Uma característica da viagem também inaugura sua outra face que, em vez de contribuir, impede o deslocamento, ou pelo menos impede sua alta frequência: o medo. E foi assim que, durante a sociedade medieval, uma quantidade menor de pessoas viajavam. O medo do desconhecido as impedia e o território europeu se transformou num grande risco, pois os assaltos eram frequentes. Os viajantes eram peregrinos

* Segundo Bourdieu, os Jogos Olímpicos do mundo moderno ultrapassam a idéia de espetáculo propriamente esportivo, fazem-se enquanto ritual, que exalta o nacionalismo, e têm como organizadores de sua estrutura e funcionamento as grandes redes de televisão do mundo⁶.

¹⁵ O conceito de atrativo turístico, usado como categoria de análise nos estudos da atividade turística, possui exatamente a mesma significação que as termas gregas ou os jogos olímpicos, a possibilidade de despertar interesse da população em visitar ou conhecer tais locais e eventos.

medievais¹⁵. As noções sobre as terras além da Europa também contribuíram para que as viagens se retraíssem: as notícias sobre dragões marinhos, sereias que encantavam navios e até mesmo as concepções do mundo, como a de uma bandeja cuja navegação da borda traria o risco de se despencar no vazio e desaparecer.

A principal forma de deslocamento para grandes distâncias ocorria por meio das embarcações, fadadas ao temor pela má engenharia naval e pela imprecisão das rotas, pois não havia instrumentos que garantissem grandes deslocamentos. Viajar, portanto, nesse momento, não era tão preciso assim. Os mares eram hábitat de piratas e bucaneiros, prontos a roubar uma carga valiosa. A praia¹² era lugar de piratas e marujos. A viagem pelo lazer, o uso do mar, os banhos e o uso da praia como espaço de lazer não eram prática.

A religião talvez tenha sido a principal fonte de criação de impressões sobre o mar, que impediu muitas vezes o desejo de conhecê-lo. O dilúvio presente nas páginas da Bíblia era aterrador para a população e sua presença constante no discurso da Igreja Católica emperrava as aspirações pelo conhecimento do mar. O mar é motivo de medo, pois é desconhecido. Não se sabe que tipo de criatura marinha poderá ser encontrada nele. As imagens repulsivas do mar, seus mistérios, suas associações com a ira quando está revoltado, e com a loucura, por ser caótico¹², freiam o desejo da beira-mar, dos banhos e da contemplação da natureza costeira.

O horizonte amedronta. Do mar vêm a tempestade, as ondas violentas, o trovão, as chuvas, o naufrágio e, por fim, a morte.

Esse aspecto foi se modificando aos poucos a partir de muitas razões convergentes.

Um dos predecessores dessa concepção foi o veneziano Marco Polo. Mercador europeu no Oriente, ele foi responsável pelas principais impressões que o mundo ocidental do século XIII possuiu das regiões da China e Mongólia, tudo isso graças às suas viagens. Marco Polo tornou-se um exemplo de aventureiro, principalmente com a publicação de seu "Livro das Maravilhas", em que narra o "fantástico" mundo desconhecido para o europeu.

Quanto à imprecisão de viajar, instrumentos importantes passaram a ser utilizados, como o astrolábio, aperfeiçoado na Escola de Sagres. As caravelas demonstravam maior segurança nas viagens marítimas, proporcionando rapidez e capacidade de navegar por locais de grande perigo, como a costa da África.

Constantinopla caiu em poder dos turcos otomanos em 1453, o que fez com que as rotas terrestres para as regiões ricas em especiarias como Índia e China fossem dificultadas, provocando uma razão econômica para a expansão ultramarina, principalmente de Portugal, que se lança como uma das nações a explorar os oceanos. Segundo Bueno⁸, o rei D. João II teve papel fundamental na construção do projeto português de conquista e expansão ultramarina, pois foi por meio dele que a decisão de contornar a África e chegar às Índias foi levada a cabo.

O discurso médico também teve um grande papel na redescoberta da viagem. Em mazelas da vida cotidiana e algumas doenças, a ida ao campo e, posteriormente, o uso dos banhos de mar foram receitados para ajudar na recuperação dos doentes. A praia, portanto, poderia ter outra função, abrindo as portas para o nascimento de uma prática que hoje movimenta muitos dólares dentro da atividade turística. Mais tarde, os balneários começaram a proliferar e a costa européia do Mediterrâneo passou por um processo de intensificação de seu uso por viajantes ávidos pelos benefícios e virtudes do mar. Seu auge deu-se principalmente durante o século XVIII e, apesar de terem nascido com motivos medicinais, evoluíram ao lazer posteriormente⁴⁰.

O mar, antes temeroso, passou a ser aspecto comum na vida do europeu. Os pintores o retrataram, os escritores tentaram desvendar seus mistérios, a experiência cênica do contato com a paisagem do litoral virou espetáculo. O turista começou a se formar a partir da experiência de lazer provocada pela ida ao mar, surgindo um novo conceito tentando exprimir o homem que viaja, além do próprio conceito de viajante.

3º TOUR: OS GRANDES DESCOBRIMENTOS, OS VIAJANTES NATURALISTAS, AS PESQUISAS E A EXPLORAÇÃO

A viagem tornou-se uma prática cotidiana. Passou-se dos pequenos deslocamentos internos da Europa às grandes viagens de exploração. A viagem desperta fascínio e o mundo agora conhecido, o novo mundo e as terras do oriente suscitam experiências de conhecimento.

Na literatura mundial, por exemplo, as grandes aventuras de viajantes são freqüentes. Os clássicos "Robinson Crusoé", de Daniel

Defoe e "As Viagens de Gulliver", de Jonathan Swift, demonstram as oscilações entre o desejo da aventura e descoberta e o temor pelo desconhecido, representado pela ilha inóspita mas adestrável, em Defoe, e as regiões e sociedades fantásticas, como Lilibut, em Swift. Gulliver viaja pois pensa que esse é seu destino: "meu pai passou a me enviar um pouco de dinheiro, que empreguei para aprender navegação e as partes da matemática que são importantes para quem pretende viajar, coisa que eu sempre acreditara que o destino me permitiria fazer".

O mundo novo tem um potencial a ser explorado, despertando o interesse de comerciantes e a curiosidade de cientistas*. As viagens de naturalistas às novas terras exprimem esse interesse e, nesse momento, estrutura-se um viajante que, em tese, procuraria na experiência da viagem a compreensão do mundo e de sua própria existência, e não só o desafio da conquista.

Um novo viajante [romântico] se desdobra na experiência de muitos, acabando por formar uma classificação segundo os objetivos da viagem, a forma de exploração, o resultado, o seu financiamento e, claro, o perfil desse viajante, sua história de vida.

Segundo Leite²³, o viajante dessa época se configura nas categorias de Europeu/Norte-Americano; Profissional/Existencial: no encontro da diferença e, portanto, do autoconhecimento; o colonizador, que realiza os levantamentos econômicos sobre as novas terras e suas riquezas quando viaja, vê, enumera e volta; o conquistador, imigrante, faz a nova terra e, portanto, a conquista; o Cientista; o Aventureiro e o Literato.

Em sua maioria, ele é o explorador de novos conhecimentos, de riqueza material, de experiências; o cientista que se afasta e se aproxima do turista atual, mas que tem a aventura aliada agora à exploração e ao estudo.

A característica dessas viagens está principalmente no produto que surge delas: os relatos. É o que dá identidade ao viajante na sua passagem. Esses relatos são personificados na forma do "Diário de Viagem"²³. Há, portanto, uma relação entre a ação, o ato de viajar e o texto. Um texto agora é produzido com a finalidade de divulgar ao

* Alguns mitos são fundamentais na exploração do mar e do mundo, como o Eldorado, o reino de Prester John, a Ilha do Brasil, a fonte da juventude.

público as “maravilhas” e o exotismo das regiões visitadas. São, principalmente, narrativas sobre o outro, evidência da fronteira, reafirmada de dentro da experiência de ser estrangeiro.

Os diários apresentam memórias, testemunhos, entrevistas, fragmentos ficcionais. Não são nem documentos históricos nem literatura ficcional ou científica. É um gênero próprio, produtor de representações sociais, condicionadas a um tipo de experiência específica, a viagem. Texto capaz de conter muitos outros. De tudo poder abrigar. Veículo de expressão ou manifestação de uma cultura e tentativa de interpretar e compreender o outro.

Os viajantes, quando não escreviam durante a viagem, escreviam depois, em forma de memórias. Leite²³ destaca alguns aspectos comuns a esses relatos a partir do gosto de registrar o cotidiano. Berço das grandes reportagens e das experiências etnográficas, compõem-se de anotações pessoais imediatas (diário), anotações pessoais posteriores (memória), informações escritas a terceiros (cartas), informações obtidas por intermédio de terceiros (informantes, jornais, documentos, livros). Um famoso relato, “Apontamentos de Viagem”, de J. A. Leite Moraes²⁷, é definido por Antonio Candido, na introdução ao relato, como um livro que pode ser lido como um romance de aventuras ao narrar as viagens a Goiás e Belém do Pará.

Os viajantes “observaram, descreveram e classificaram o mundo social refletindo, por comparação, sobre a vida cotidiana do grupo visitado”²⁷.

No Brasil, os viajantes tiveram um papel importante na pesquisa científica e no entendimento das potencialidades de exploração econômica da região. Segundo Leite²³, a escolha dos temas e locais de pesquisa dos viajantes naturalistas se davam por muitas questões, entre elas:

- *Interesse pessoal* - desenvolvimento científico; o interesse de estudar e pesquisar países e culturas diferentes dominou a mentalidade intelectual do século XIX. Uma “moda” que fez muitos pesquisadores se lançarem à exploração de novos lugares.
- *Lugar visitado* - algumas regiões apresentavam-se como enigmáticas e exóticas, perfeitas para saciar a curiosidade científica.
- *Interesse financeiro da viagem* - a descoberta de minérios, ervas, produtos.
- *Interesse do público leitor* - a “cultura” dos relatos de viagem.

Charles-Marie de La Condamine, em 1735, inaugurou a viagem científica pela Amazônia, palco anterior para as viagens de conquistadores e missionários. Moldou-se a figura de viajante naturalista*. Em seu relato, encontram-se observações sobre a região, à medida que navegava pelo Rio Amazonas, sobre a fauna e a flora e sobre os hábitos indígenas: "os macacos são a caça mais comum e mais apreciada pelos índios do Amazonas. Em todo o decorrer da minha navegação por esse rio, vi tantos e ouvi falar de tantas espécies diferentes que a simples enumeração seria longa"²². Alexander Von Humboldt, no final do século, também realizou uma expedição pelo norte da América do Sul, principalmente na América Espanhola.

Um dos principais viajantes do Brasil foi Alexandre Rodrigues Ferreira, que realizou uma série de viagens chamadas de "viagens filosóficas", descortinadoras de grande parte da Amazônia. Escreveu diário de viagens que realizou pelo "Estado do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá". Viajou a partir das solicitações dos governos das Províncias, inventariou indígenas, mamíferos, aves, aspectos geográficos durante 9 anos e 3 meses, percorrendo aproximadamente 39.372km.

Outros viajantes como Langsdorff, Alfred Wallace, Henry Bates, Johann Baptist Von Spix e Carl Philippe Von Martius, durante o século XIX, visitaram o Brasil e a Amazônia com a finalidade de estudar a diversidade natural do local. Seus relatos tornaram-se famosos e contribuíram para o conhecimento sobre a biodiversidade local. Charles Darwin publicou, em 1859, o livro "A Origem das Espécies", marco na ciência da época, em que lançou as bases do evolucionismo após viajar por várias partes do mundo, inclusive o Brasil.

O Brasil era interessante? "Creio que não posso mais prosseguir por mais alguns dias minha viagem pelo alto Itacaiúnas acima, arriscando, pela vã satisfação de acrescentar mais alguns quilômetros à minha exploração, a comprometer o êxito da segunda parte - quão

* A atividade de viajante naturalista é descrita por Moreira Leite²⁷, quando expõe as referências sobre a história natural: geografia e astronomia, botânica e zoologia. A natureza como um todo seria o objeto da história natural, campo de atuação do naturalista. Além da observação da natureza, "o naturalista deveria observar também o estado das povoações e indagar a sua história, religião, costumes, artes, economia, comércio, alimentos, medicina, indumentária, habitações, armas, guerras, funerais, etc.". Com indícios de profissão, o naturalista viajante chega a se transformar em cargo, no Museu Imperial do Rio de Janeiro.

mais importante! - de minha missão: o estudo dos canais das Cachoeiras de Itaboca, onde é absolutamente necessário que eu chegue no auge da vazante, antes que se iniciem as primeiras chuvas" (Courdreau¹³). Esse testemunho foi dado por Henri Courdreau em sua quarta missão no Estado do Pará, a pedido do governo local, no final do século XIX. Demonstra a ânsia de conhecer cada vez mais o território brasileiro, suas riquezas naturais.

A ciência produz vários "descobridores", entre eles Sir Richard Francis Burton, que visitou o Brasil como cônsul e descreveu com detalhes o sistema de transporte dos atuais Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, entre 1864 e 1867²³. Sua mais famosa viagem foi em busca da nascente do Rio Nilo, na África, em 1858, juntamente com seu parceiro John Hanning Speke. Descobrindo juntos o Lago Tanganica, Speke retornou para a Inglaterra e recebeu os créditos pela descoberta, causando uma crise entre ele e Burton. Sua história foi mostrada no filme "Montanhas da Lua". Burton também ficou famoso por traduzir o "Kama Sutra" para o inglês.

É notório que as viagens desse período faziam parte de uma política de colonização, que levavam pesquisadores aos recantos do Brasil com uma visão colonialista e etnocêntrica. Por exemplo, Agassiz, em seu relato "Viagem ao Brasil" (1865/1866), sustenta a idéia de que está à frente de uma população menos poderosa e menos enérgica que a anglo-saxônica. "O que chama desde logo a atenção no Rio de Janeiro é a negligência e a incúria. Que contraste quando se pensa na ordem, no asseio, na regularidade das nossas grandes cidades... Entretanto, o efeito pitoresco é tal, pelo menos aos olhos de um viajante, que todos esses defeitos desaparecem"². O "olhar", por não relativizar as culturas, acabava por se tornar etnocêntrico, prejudicando os relatos.

Os relatos demonstravam a "realidade" das aventuras. No entanto, dois dos maiores escritores de aventuras também tiveram suas obras publicadas durante o século XIX e influenciaram uma grande parte da juventude que os lia: Emilio Salgari e Julio Verne.

O francês Julio Verne trouxe a aventura em todas as suas obras, títulos em que a viagem aparece como grande proporcionadora da exploração e descoberta: "Cinco Semanas em um Balão" (1862); "Viagem ao Centro da Terra" (1864); "Da Terra à Lua" (1865); "Vinte Mil Léguas Submarinas" (1869); "A Volta ao Mundo em 80 Dias" (1872). Emilio Salgari propõe uma viagem no tempo em "As Maravilhas do Ano 2000".

Além da geografia, a antropologia nasce no centro das viagens naturalistas e o ofício de antropólogo acaba por pressupor a viagem. Após Darwin, pesquisadores como Sir James Frazer, Franz Boas, Radclif Brown, Malinowski, iniciaram uma série de estudos sobre visões de mundo diferentes da sociedade ocidental. Azcona ressalta o estereótipo do antropólogo que, munido de um bloco de anotações e lápis, ora naturalista, ora cronista, registra coisas exóticas e primitivas. O cientista que realmente sistematiza dados do contato entre povos, que mais vezes percebe o estranhamento e analisa culturas. O Outro é seu objeto, Outro que é por diferença, por embate.

“O primeiro contato com o Rio [de Janeiro] foi diferente. Eis-me aqui, pela primeira vez de minha vida, do outro lado do Equador, sob os trópicos, no Novo Mundo. Graças a que indício fundamental irei reconhecer essa tripla mutação? Qual é a voz que há de, que nota jamais escutada ressoará inicialmente em meus ouvidos? Minha primeira observação é fútil: estou num salão”²⁴.

Os jovens nobres e novos ricos passam a viajar pela Europa para finalizar sua educação, uma espécie de corolário da educação da aristocracia realizado nos séculos XV, XVI e XVIII, chamado *Grand Tour*¹⁵. O *Grand Tour* é a semente do turismo moderno e representa o elo entre os tipos de viagens historicamente anteriores e a essência da viagem turística.

4^o TOUR: O TURISMO (VIAGEM ORGANIZADA E O CONCEITO DE TURISMO)

A gênese do turismo enquanto conceito de viagem organizada por agentes, visando ao lazer e ao descanso, utilizando-se estabelecimentos como hotel e restaurante, tem seu marco em Thomas Cook. Esse inglês organizou uma viagem de trem entre as cidades inglesas de Leicester e Loughborough, na Inglaterra, levando o grupo para participar de um congresso anti-alcoólico em 1841. Entretanto, o conceito de turista tem origem anterior.

A palavra turismo provém do latim *tornare* que quer dizer “dar uma volta, voltar ao ponto inicial”. Formou o termo *Grand Tour* na língua francesa. A partir daí, os ingleses utilizaram o termo para designar as viagens de lazer, para “conhecer” outros lugares.

Já o turista aparece em alguns escritos anteriores à viagem de Cook, como "Memórias de um Turista" de Stendhal, em 1816. Outros textos também ressaltam essa figura que vai se formando aos poucos e se definindo como o viajante moderno. Na França, várias palavras são associadas à expressão, como *vacances*, *villégiature/villégiatureur*, *excursionniste*. Nenhum outro fator foi tão importante para o desenvolvimento do turismo moderno como as viagens aéreas. O aperfeiçoamento do avião provoca fluidez nas viagens, rapidez nas chegadas e partidas. Intensificam-se as excursões, criam-se os pacotes turísticos. O turista começa a se transformar em estereótipo e o conceito se afasta cada vez mais do de viajante.

O viajante é visto na literatura como um ser que viaja por motivos nobres, subjetivos. Recuperando a figura do viajante naturalista, o viajante procura, busca, interroga e respeita. Nessa busca do mundo está a busca de si mesmo. A busca pela identidade. A procura pela identidade tem um sentido especial... a história de cada um é traçada pelos lugares por onde passou²⁹. Para o viajante, a identidade é não ter casa, ou seja, "não ter" uma das principais formas de ter identidade, pertencer ao grupo, ao lugar... Sua identidade, portanto, é não ter identidade. É desfazer de sua identidade, buscar o estranhamento, "viajar é traçar uma linha... Quem resolve partir se põe em movimento, abre caminhos, percorre o espaço". "A viagem é um processo de desenraizamento, construção de uma nova cartografia. Tudo é partida, evasão, passagem".

O viajante não age somente sobre seu ser, mas provoca inquietações por onde passa. Os viajantes criam uma distância do que eles deixaram para trás. Aqueles que partiram. Estrangeiros permanentes. "São aqueles que vêm do nada e partem para lugar nenhum... [o viajante] não tem nome nem história. Aparece apenas para tudo mudar e então partir novamente"²⁹. O que muda: "A chegada de estrangeiros em grande número tem como contra ofensiva atos de reforço da coesão social", fala Van Gennep⁴¹. É uma reação ao diferente, exógeno, e que, para que esse estrangeiro possa não causar mais incômodo à tribo, precisa passar por ritos que garantam sua agregação à nova morada, mesmo que temporária. O autor destaca três fases na ritualização da chegada do estrangeiro: a primeira, uma fase preliminar de contato; a segunda, um período de margem, com troca de presentes e apresentação das acomodações para o estrangeiro; e uma terceira fase, em que os ritos de agregação por fim se estabelecem

para familiarizar o estrangeiro, dos quais a realização de refeições em comum são exemplo.

Existem também os rituais de separação, de partida. Van Gennep⁴¹ demonstra que uma pessoa pode se separar do mundo exterior tirando os sapatos, o manto, a cobertura da cabeça e se agrega comendo ou recebendo junto com outros ou realizando ritos prescritos. Os ritos de separação representam uma cisão e ocorrem para que ela não seja brusca e traumática (como no norte da África, quando se lança água debaixo dos passos de quem vai partir).

Assim, o viajante não fica totalmente sem ligação com sua sociedade, nem se transforma totalmente no outro. Esse estado de suspensão permite que ele volte ao seu lugar de origem.

A busca pela identidade tem um movimento de partida, viagem (percurso) e chegada, seja um retorno ao ponto de origem ou a chegada a um novo lugar. No primeiro movimento, viajar significa desprender-se, despojar-se do ruim, do insuportável da vida, estar em suspensão. O percurso, estado de viagem simboliza um rito de passagem, em que o "provisório" está presente e o mundo, o cotidiano, fica em "suspensão". O "intervalo" é o espaço e o tempo. O lugar não existe como espaço.

O viajante nesse momento é alguém estranho à vida dos locais por onde passa. É a transformação do viajante em estrangeiro, que o está por viajar, que provoca sensações nos locais por onde passa e nas pessoas com as quais entra em contato, mas ele representa acima de tudo o desconhecido, buscando conhecimento. Ele intriga. O estrangeiro se personifica no jovem que, "isento de mediocridade, de familiaridade e de vulgaridade", altera a percepção de mundo de uma família pequeno-burguesa em Teorema, de Pasolini. Qual seria também a função de Tadzio em "Morte em Veneza", livro de Thomas Mann e belíssimo filme de Luchino Visconti, de 1971, se não a de provocar em Aschenbach a necessidade de uma outra vida: a viagem como estado diferente de seu cotidiano? E a do Coiote, na obra de Roberto Freire? O estrangeiro chega e apresenta outro mundo desconserta.

Para Ianni²¹ a viagem é busca de verdade. Um modo de descobrir o "outro" e, ao mesmo tempo, um modo de descobrir o "eu". O homem insatisfeito⁹. O pesquisador-cientista. O etnógrafo que constrói representações sobre o outro num processo de comparação, classi—

ficação e ordenação de experiências. A viagem na pesquisa social funciona como recurso comparativo, pois enriquece a percepção das configurações e movimentos da realidade. Estabelece quadros da análise pormenorizada das situações, processos e estruturas, estabelecendo semelhanças e diferenças num processo dialético que forma a identidade na mais simples unidade de pensamento.

O turista, pelo seu lado, seria o *mauvais voyager*³⁷. Aquele que possui esboços de viajantes na busca pela compreensão do mundo e de seu íntimo, não conseguindo dar um salto qualitativo, não percebe o outro, portanto não se percebe. Stendhal se classifica como muito mais do que um turista comum pois realiza mais do que uma simples coleção de sensações estéticas, curiosas e insólitas nas viagens. Para ele a viagem suscita a reflexão sobre a natureza e a cultura, suas associações, mudanças e conflitos, a partir das impressões em viagem pelo interior da França-1838 ("Memóires d'un Touriste", *apud* Sant'Anna³⁴).

Urbain diz que o turista substitui os relatos de viagens pela fotografia. Símbolo de rapidez, o turista não se enquadra no estrangeiro de Peixoto³⁰, pois este observa o estranhamento. O turista fotografa, registra sem ver. Além disso, o lugar do turista é um não-lugar, de um turista accidental que quer sua vida reproduzida em espaços sem identidades, mas que se assemelham à sua casa. Ortiz³² percebe o desenraizamento dos homens do qual a viagem é participante. Os espaços desenraizados são comuns a todos, amenizam os ritos de separação e agregação, o estranhamento é aos poucos substituído por uma sensação de familiaridade. Todos usam cartões de crédito. A viagem é participante da criação de uma identidade desenraizada, com locais particulares (aeroportos), identidades planetárias (movimento ecológico) e uma memória "internacional-popular" (provocada pela mídia).

Marc Augé agrupa os hotéis, clube de férias, os transportes, as estações de passageiros, aeroportos, parques de lazer, cadeias de comunicação, as lojas *duty-free* como não-lugares: "espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico"⁴. Esses espaços seriam produtos da supermodernidade, um mundo "prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero".

"Sempre haverá um hotel ao alcance do olho e das pernas de alguém perdido, aqui ou em qualquer outro lugar do planeta, e isso

sempre deve ser também uma espécie de solução, mesmo provisória. Como os próprios hotéis estão aí afinal para isso mesmo: o provisório¹.

A viagem turística, portanto, inverte a ordem da viagem comum quando subverte o processo de aquisição de identidade, pelo embate entre diferença e semelhança. Se o movimento anterior é de romper com o cotidiano, manter-se em suspensão, e regressar é agregar-se, o turismo provoca a sensação de que, apesar da passagem, do desprendimento, o estado de suspensão possui as mesmas características da origem e retorno do périplo. Portanto, indaga-se: que mudança haverá no deslocamento? A experiência da compreensão do mundo é válida dessa forma? Como debater-se com as diferenças e formar identidades? Como compreender a si mesmo numa viagem turística?

A viagem turística aparece com aspecto negativo, por exemplo, em Rilke, quando o poeta, em suas cartas a Franz Xaver Kappus (um jovem poeta), no início do século, observa que não consegue escrever quando está viajando pois, para isso, precisa de silêncio e solidão, coisas que não existem em uma viagem. O silêncio e a solidão são pré-requisitos para o autoconhecimento.

Cabe aqui uma observação sobre os relatos de viagem de Luiz Agassiz e Elizabeth Agassyz. Para ambos, a viagem tem a configuração de descanso. Os médicos os aconselham a viajar e abandonar o trabalho e mudar de clima por causa da saúde abalada. Porém, não querem transformar a viagem em uma simples viagem de turismo, transformando-a em um "empreendimento científico", com patrocinadores apoiando o evento. Mesmo assim, os relatos são marcantes sobre as atrações turísticas do Brasil, citando passeios como ao Corcovado, ao Jardim Botânico e a Petrópolis, no Rio de Janeiro, ressaltando a exuberância da vida vegetal da Amazônia, inclusive Óbidos, Monte Alegre, Santarém, Marajó.

A viagem coloca o viajante em contato com civilizações radicalmente diferentes da sua. Esses momentos estão cada vez mais raros, mas a cidade apresenta muitas vezes a diferença necessária à análise do etnógrafo²⁴.

"Belém me entusiasma cada vez mais. O mercado hoje esteve fantástico de tão acolhedor..."³.

O *flâneur* é viajante moderno, que se desloca na cidade e se sente à vontade em Paris³³.

No campo científico, o antropólogo é viajante mas não é turista, pois este se contenta com qualquer indicação de estranheza. O turista não investiga, ele consome as culturas outras. O homem e sua cultura, portanto, tornam-se mercadorias. Azcona explica que alguns indígenas percebem a diferença e preparam para os antropólogos costumes e ritos “à moda antiga” e para os turistas, qualquer ritual, “autêntico” ou não, serve para ser cobrado⁵.

O Quadro 6.1 apresenta uma comparação entre o viajante e o turista.

Os turistas são branquelos, pálidos, usam camisas espalhafatosas e bermudas, prato cheio para os assassinos terroristas do “El Fuego”, no romance *Caça aos Turistas*, de Carl Hiaasen. Todas essas mensagens colocam o turista como “o lado negro do viajante”. Mas será o olhar sobre tais impressões?

Talvez se possa encontrar a figura do viajante em novos turistas que se apresentam por aí a todo momento. O ecoturista é uma possibilidade de reprodução de alguns aspectos do viajante, o empreendedor, descobridor, e o curioso, o que busca uma relação mais profunda com a natureza e, portanto, consigo mesmo. O turista de aventura quase nunca reproduz sua vida cotidiana na suspensão da via-

Quadro 6.1 – Diferenças entre o viajante e o turista

| Viajante | Turista |
|---|---|
| Aspectos colonizante, conquistador e existencial | Consumidor de mercadorias (paisagem, cultura, símbolos) |
| Cortar os vínculos com o lugar de origem | Não há relatos de viagens, apenas fotografias |
| Liberdade | Atividades de oposição ao trabalho |
| Aventura | Excursão, pacotes |
| Notícia a diferença | Olhar mecânico |
| Curioso | Descanso/lazer |
| Cientista: exploração científica | A parte vale pelo todo |
| Descoberta, invenção, inauguração | Curiosidade com o mesmo valor da moda |
| Viagens de estudo, pesquisa, inventário | Há o empobrecimento da experiência estética |
| Relatos de viagens | Banaliza o exótico e a diferença |
| Sensível | Habita o não-lugar |
| Usa uniformes e equipamentos para exploração (bússola), cadernetas de campo | Usa camisas espalhafatosas, bermudas e chapéus |

gem; pelo contrário, sua lógica é inverter papéis. A visão negativa do turista deve ser rompida a partir do momento em que a indústria turística perceber a verdadeira razão da viagem, eliminando o *status*, as frivolidades, a superficialidade da viagem turística. Perceber a verdadeira razão do homem viajar. Entender o *homo viator*.

"En vários mundos casi iguales, vários capitanes Moris salieron un día a probar aeroplanos. Nuestros Morris se fugó al Uruguay o al Brasil. Outro, que salió de outro Buenos Aires, hizo unos 'pases' com su aeroplano y se encontró en el Bueno Aires de outro mundo (...) Alegar a Blanqui, para encarecer la teoría de la pluralidad de los mundos, fue, tal vez, un mérito de Servian; (...) tal vez estos mundos sean como haces de espacios y de tiempos paralelos" ("*La Trama Celeste*", Adolfo Bioy Casares).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABREU, C.F. Bem longe de Marienbad. In: *Estranhos Estrangetos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
2. AGASSIZ, L.; AGASSIZ, E. *Viagem ao Brasil (1865-1866)*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1938.
3. ANDRADE, M. *O Turista Aprendiz*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1983.
4. AUGÉ, M. *Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade*. Campinas, Papirus, 1994.
5. AZCONA, J. *Antropologia II, a Cultura*. Petrópolis, Vozes, 1993.
6. BOURDIEU, P. Os jogos olímpicos. In: *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro, Zahar, 1997.
7. BRUNEL, P. (org.) *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.
8. BUENO, E. *A Viagem do Descobrimento*. Rio de Janeiro, Objetiva, 1998.
9. CARDOSO, S. O Olhar dos viajantes. In: NOVAES, A. (org.) *O Olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
10. CARVALHO, J.C.M. *Viagem Filosófica pelas Capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-1793)*. Belém, UFPA/MPEG, 1983.
11. CASTELI, G. *Turismo, Atividade Marcante do Século XX*. Caxias do Sul, Educ, 1990.
12. CORBIN, A. *O Território do Vazio: a Praia e o Imaginário Ocidental*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
13. COUDREAU, H. *Viagem à Itaboca e ao Itacatuínas*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1980.
14. CUNHA, O.R. *O Naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira*. Belém, MPEG, 1991.
15. FEIFER, M. *Tourism in History: from Imperial Rome to the Present*. New York, Stein and Day Publishers, 1986.
16. FIGUEIREDO, S.L. *Ecoturismo, Festas e Rituais na Amazônia*. Belém, NAEA/UFPA, 1999.
17. FRANÇOISE, G. Descobertas, verbete. In: BRUNEL, P. (org.) *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.
18. GEERTZ, C. O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.
19. HIAASEN, C. *Caça aos Turistas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

20. HOMERO. *A Ilíada (em Forma de Narrativa)*. São Paulo, Publifolha, 1998.
21. IANNI, O. A Metáfora da Viagem. *Cultura Vozes*. n° 2, março/abril, 1996.
22. LA CONDAMINE, C.M. *Viagem pelo Amazonas, 1735-1745*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992.
23. LEITE, I.B. *Antropologia da Viagem*. Belo Horizonte, UFMG, 1996.
24. LEVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
25. LEVI-STRAUSS, C. *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1982.
26. MASSI, F.P. O nativo e o narrativo. *Novos Estudos Cebrap*, 33, 187-98, 1992.
27. MORAES, J.A.L. *Apontamentos de Viagem*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
28. MOREIRA LEITE, M. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.
29. Peixoto, N.B. *Cenários em Ruínas*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
30. Peixoto, N.B. O olhar do estrangeiro. In: NOVAES, A. (org.) *O Olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
31. POLQ, M. *O Livro das Maravilhas*. 4ª ed. Porto Alegre, L&PM, 1994.
32. ORTIZ, R. *Um Outro Território, Ensaio sobre a Mundialização*. 2ª ed. São Paulo, Olho D'água, 1999.
33. ROUANET, S.P. *A Razão Nômade: Walter Benjamin e Outros Viajantes*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1993.
34. SANT'ANNA, D. Depois do trabalho, o lazer. In: *Profeta História*, 16, São Paulo, fevereiro de 1998.
35. SCHIVELBUSCH, W. *Histoire des Voyages en Train*. Paris, Le Promeneur, 1990.
36. SWIFT, J. *As Viagens de Gulliver*. São Paulo, Nova Cultural, 1996.
37. URBAIN, J.D. *L'Idiot du Voyage: Histoires de Touristes*. Paris, Payot, 1993.
38. URBAIN, J.D. Sémiotiques Comparées du Touriste et du Voyageur. *Sémiotica*, Paris, v. 58, n° 3-4, p. 269-279, 1986.
39. URBAIN, J.D. Sur l'espace du Touriste: un Voyage en Tunisie. Elements pour une sémiotique de l'espace touristique des Français. *L'espace géographique*, 2, p. 115-124, 1983.
40. URRY, J. *O Olhar do Turista*. São Paulo, Estúdio Nobel-SESC, 1996.
41. VAN GENNEP, A. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis, Vozes, 1978.

Filmes

Montanhas da Lua;
Morte em Veneza;
O Turista Acidental.

Quadrinhos:

Viagem a Tulum (Milo Manara e Frederico Fellini)
Bruxaria (James Robinson)
Gigamesh II (Jim Starlin)

TURISMO: ENFOQUES TEÓRICOS E PRÁTICOS é o primeiro passo de uma iniciativa pioneira da Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo (ABBTUR Nacional) e da Editora Roca, em reunir estudos e pesquisas vinculados ao Turismo.

Tem a pretensão de se transformar em uma publicação de caráter anual aberta à participação de estudantes, professores e pesquisadores.

Nesta primeira versão, apresenta vinte e sete capítulos sobre vários assuntos inerentes ao Turismo e que podem contribuir para uma série de questionamentos e desdobramentos a respeito de uma área que se caracteriza pelo dinamismo e expansão.

É também uma obra referencial para o meio acadêmico no sentido de estimular novos posicionamentos e reflexões.

ISBN 85-7241-436-3

A standard EAN-13 barcode representing the ISBN 85-7241-436-3. The bars are vertical black lines of varying widths on a white background.

9 788572 414364